

Cana-de-açúcar é ameaça ao Pantanal

A sociedade mal conseguiu avaliar todo o prejuízo provocado pelas catastróficas queimadas nas últimas semanas e o governo brasileiro, por meio do Decreto N° 10.084, permitiu não só que a cadeia da cana-de-açúcar se instale no Pantanal, como também na Amazônia e que seja realizado sem regulamentação nos demais biomas brasileiros.

Na semana do dia 12 de novembro, momento em que os holofotes se voltam ao Pantanal, data que foi instituída após o ambientalista Francisco Anselmo Gomes de Barros atear fogo no próprio corpo como protesto contra a permissão de implantação de usina de álcool no Pantanal, de fato não há nada a comemorar.

Em termos de austeridade, a medida normativa jogou fora muitos recursos públicos baseados em ciência na elaboração do Zoneamento Agroecológico da cana-de-açúcar, o qual era o documento base que norteava e regulamentava a cultura da cana-de-açúcar no Brasil, elaborado com base na aptidão do solo (aptidão edáfica ou pedológica), Clima (aptidão climática – risco climático) e nas características da cultura.

Em 2018, a revista Science publicou uma carta que aborda as ameaças da liberação da cana-de-açúcar, destacando seus efeitos catastróficos para a biodiversidade e para os serviços ecossistêmicos. Entre os perigos da expansão desta cultura em ambientes frágeis como os biomas Amazônia e Pantanal, pode-se citar:

1. **Aumento da pressão sobre os ambientes naturais**, pelo desmatamento. Uma pesquisa mostrou a importância de se manter a proibição do cultivo da cana para impedir novos desmatamentos. A conversão de pastagens em plantio de cana diminui a emissão de gases de efeito estufa, porém, se a proibição deixa de existir, conseqüentemente o desmatamento aumenta e, com isso, as emissões também se incrementam. A exemplo do que foi comprovado na bacia hidrográfica do Paraná, vizinha à do Pantanal, a cultura da cana “empurrou” o gado para novas frentes de pastagens, aumentando a pressão as áreas nativas, de menor valor econômico, algo perfeitamente possível de ocorrer na BAP.
2. **Aumento da degradação do solo**, pela erosão devido ao maior tempo de exposição à chuva, ao vento e ao sol do que nas demais culturas e longo período de entressafra, com compactação do solo devido ao uso de maquinário pesado;
3. Quando o cultivo não é mecanizado, além dos **impactos sociais**, a queima é recorrente e, se o Pantanal já sofre atualmente com **os incêndios avassaladores**, pode-se esperar ainda mais impacto a partir dessa prática;

4. O Pantanal é altamente dependente de seu fluxo de água e a cultura da cana além de **utilizar muita água para irrigação** durante a fase de crescimento da planta, ainda contamina tanto águas subterrâneas como águas superficiais, sem falar da **contaminação** por vinhoto, resíduo da industrialização da cana.

As alegações do Governo brasileiro de que o Renovabio (Política Nacional de Biocombustíveis) seria um importante fator para impedir o aumento do desmatamento são postas em dúvida uma vez que a inserção das informações é voluntária e não há obrigações legais impostas aos agricultores.

Se, por um lado, o Governo brasileiro alega que o Decreto Nº 6.961 estava defasado, ou apresentando algum problema, o correto seria abrir uma ampla discussão com especialistas para fazer a atualização dita necessária e não suspender a regra por completo, de forma autoritária, e sem apresentação de embasamento técnico e transparência adequada.

O *Observatorio Pantanal* tem posicionamento contrário ao que está disposto no Decreto Nº 10.084. Entende-se que é preciso manter o Zoneamento Agroecológico da cana-de-açúcar, concordando com outras organizações da sociedade civil que já se pronunciaram sobre o tema, como o Observatório do Clima e a Coalisão Clima, Floresta.

Portanto, o *Observatorio Pantanal* solicita que se suspenda o Decreto Nº 10.084, como forma de garantir à Nação Brasileira o direito disposto na Constituição de 1988 em seu Art.º 225 de ter um meio ambiente ecologicamente equilibrado, sendo dever do poder público e da coletividade defendê-lo e preservá-lo para as presentes e futuras gerações.

Assinado: *Observatorio Pantanal*